**O COLETIVO EMPODERA JOVEM: TESSITURAS DE AFETOS E REFLEXÕES NA/SOBRE SOCIOEDUCAÇÃO NA BAIXADA FLUMINENSE**

**Priscila Reis [[1]](#footnote-2)**

**Jenifer Stefani[[2]](#footnote-3)**

**Karine Rezende.** [[3]](#footnote-4)

**RESUMO**

O presente trabalho se destina a compartilhar a trajetória e as experiências do Coletivo Empodera Jovem. Criado em 2015 nas dependências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu, e formado pela atividade conjunta de discentes, pesquisadores e artistas da Baixada Fluminense, o referido coletivo atua em espaços de privação e restrição de liberdade do Rio de Janeiro destinados a adolescentes. Movidos pelo compromisso com a educação para além dos espaços formais de ensino e nesta como instrumento da/para a liberdade, o coletivo pauta suas atividades no compromisso com a pauta abolicionista penal, no compartilhamento de afetos e na valorização da potência das juventudes participantes das atividades.

**Palavras Chave:** adolescentes em conflito com a lei; educação; afetos**;** privação de liberdade

**INTRODUÇÃO**

A concepção do *Empodera Jovem* nasce como um escoamento natural para as ideias que a comunidade estudantil do Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) foi construindo nas relações com a universidade e a comunidade, atendendo a necessidade destes estudantes de difundirem o conhecimento adquirido na universidade, bem como de irem buscar fora das paredes da UFRRJ o conhecimento gerado nas ruas, haja vista serem espaços também educativos.

O coletivo foi construído com base na reflexão acerca do papel que a UFRRJ, situada em Nova Iguaçu, possui na transformação qualitativa de cada aspecto da sociedade situada em seu entorno, na sua relação com a comunidade, considerando sua constituição como instituição social, sua função pública e sua busca por uma referência na própria sociedade.

Assim, em 2015, alguns estudantes e técnicos da UFRRJ, membros de movimentos sociais e professores da educação básica se uniram com a intenção de se auto organizar coletivamente para atuarem com jovens que cumprem medidas socioeducativas[[4]](#footnote-5) no Rio de Janeiro.

O presente coletivo tem como embrião a prática política e cultural de grupos organizados da universidade e dos movimentos sociais das cidades do entorno do campus. O *Empodera Jovem* tem, então, um caráter social herdado dos movimentos sociais da Baixada Fluminense e carrega em si o poder de oxigenar a produção cultural e política da universidade, dando um caráter orgânico a atuação da universidade, que as práticas convencionais não são capazes de realizar.

As atividades do grupo tem como referencial teórico o estudo sobre os corpos na sociedade: sua disciplina e punição (FOUCAULT, 1987), bem como a adequação forçada dos grupos marginalizados à dinâmica social das cidades brasileiras. O coletivo compreende o adolescente em situação de conflito com a lei a partir do constante caráter de classe da inserção e reincidência desses jovens na “criminalidade”, as formas de coerção usadas pelo Estado, com seus aparelhos ideológicos e repressivos (ALTHUSSER, 1980) e o resultado dessas contradições na formação do sujeito, observando que a educação e o sistema sociopenal, em geral para os grupos menos favorecidos, funciona como uma potencializadora das contradições do capitalismo (MARX, 2013). O coletivo tem como objetivo produzir a crítica acerca do sistema socioeducativo e compartilhá-la em espaços de construção coletivos, a fim contribuir para a formulação de novos horizontes emancipatórios possíveis.

O acesso de milhares de novos estudantes na Universidade, trabalhadores e moradores da Baixada Fluminense, fomenta a necessidade de criar condições para que estes novos estudantes construam conhecimento com raízes nos próprios locais de moradia e estudo. A região onde o coletivo foi criado tem sofrido a onda migratória do tráfico de drogas oriundo da capital, efeito da política de pacificação nas comunidades e da expansão das facções criminosas.

A compreensão dessa realidade é fundamental para a consolidação da UFRRJ como um polo de produção acadêmica e desenvolvimento para a região. E, embora haja grandes avanços com os livros e teses de professores e alunos da universidade sobre o tema da violência urbana, ainda carecemos de fontes e pesquisas no que tange aos impactos das novas políticas de segurança pública para adolescentes em conflito com a lei e, consequentemente, da aplicação das diretrizes do Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), nas unidades de atendimento ao jovem do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE).

As atividades do grupo tem como público alvo jovens que cumprem medidas socioeducativas em unidades do Novo Degase – Departamento Geral de Ações Socioeducativas. O Novo Degase é um órgão vinculado a Secretaria de Estado de Educação com o objetivo e a responsabilidade de promover a socioeducação (com medidas de semiliberdade e internação judicialmente impostas a jovens que cometeram ato infracional análogo a crimes) no Estado do Rio de Janeiro.

**POTÊNCIAS, PROTAGONISMOS, AFETOS E TROCAS**

Ao longo dos seus quase 10 anos de existência e atuação, o coletivo Empodera Jovem já realizou diversos tipos de atividades em espaços de privação e restrição de liberdade no estado Rio de Janeiro, as quais visam:

a) Estimular o senso artístico dos adolescentes, com oficinas e debates de filmes, poesia, dança, música;

b) Fomentar a consciência política, no que tange a autodeterminação étnico-racial, de grupo social, de classe e de gênero por meio de cinedebates e de conversas informais acerca dos temas mais centrais da juventude, valorizando suas narrativas e saberes empíricos;

d) Estimular o protagonismo juvenil, a fala, a criação e a autoestima por meio de oficinas de stop motion, poesia e rap, estímulo a narrativa oral e/ou escrita e a valorização das suas comunidades de origem com atividades que envolvam linguagens com as quais tenham intimidade e preferência

Dentre as inúmeras e diversas atividades já desenvolvidas, que são decididas a partir das demandas e preferências trazidas pelos adolescentes participantes, um padrão de atuação se mantém. As atividades propostas pelo grupo sempre se dividem em blocos, geralmente de 4 ou 5 oficinas (que independente do formato sempre tangenciam os temas de raça, classe e gênero) visto que a cada ciclo o coletivo se reúne e, com base nas demandas, preferências e habilidades observadas entre os socioeducandos de cada unidade, novas abordagens são pensadas visando atender de forma satisfatória os anseios e as necessidades identificados.

No primeiro bloco desenvolvem-se atividades de conhecimento, apresentação e aproximação (jogos, brincadeiras, conversas) a fim de que se possa compreender as dificuldades, demandas e limitações do grupo participante, bem como identificar suas potências, para posteriormente trabalharmos de forma mais direcionada, de acordo com os perfis identificados.

Em um segundo momento, atividades mais direcionadas são realizadas. Tais atividades são propostas a partir das sugestões, preferências e demandas colocadas pelos jovens atendidos. Normalmente, exibições de filmes com debates, rodas de conversas, oficinas de poesia com rap, desenho, pintura e jogos em quadra, sempre aparecem entre as preferências de atividades demandadas pelos adolescentes.

No ano de 2019, ao atuarmos em uma unidade de internação de Baixada Fluminense, o professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Gustavo Coelho, passou a integrar o coletivo como colaborador e, assim, promoveu um ponto de inflexão nas abordagens do grupo.

Se por um lado a análise crítica das estruturas e superestruturas é fundamental ao pensarmos em possibilidades de emancipação de juventudes marginalizadas, esta não pode se dissociar de uma análise do ser, haja vista as estruturas agirem de forma não recortada do sujeito.

Em que pese a brutalidade com a qual a formação histórica e estrutural de um país forjado no colonialismo/escravismo marginaliza jovens de periferias, não se pode deixar de levar em consideração os efeitos desta construção nas subjetividades destes atores.

E, neste ponto, Coelho (2020) a partir de sua observação no campo em questão, nos chama atenção para a relação intrínseca entre a necropolítica em curso e a negação de si enquanto ser que sente, dotado de sentimentos, coadunando na aceitação, ainda que despercebida, do enquadramento de si como categoria de “ser matável”.

Tal observação disparou uma série de oficinas embasadas num repertório teórico dos estudos da subjetividade, notadamente, retirando consequências do conceito de necropolítica em Mbembe (2018), investigando como age sobre estes jovens a internalização da ideia do ser matável, através da linguagem, com a enunciação do termo “sem sentimentos”, comumente visto em rabiscos de carteiras na unidade e em letras de funk cantadas pelos adolescentes da instituição. A recusa em se enunciar enquanto ser que sente, em falar do que se sente, foi enxergada como problemática.

Chamar à fala o sentimento e criar espaço para o ser que sente se ver enquanto tal, foi o intuito de algumas atividades que se seguiram, sob a orientação do referido docente. Utilizar o espaço de privação de liberdade, com sua arquitetura propositalmente construída para docilizar/padronizar corpos e impor penalidades, para trazer à tona o sensível e que nos faz tão humanos ( a capacidade de sentir), se mostrou como atividade subversiva. Táticas (Certeau, 2008) que se aproveitam das estruturas para subverter a ordem.

Se na prática cotidiana da instituição são chamados a se apresentar através de seus números de matrículas, ao invés de seus nomes, e se são desde muito cedo (auto)categorizados como sem sentimentos, atividades que proporcionam uma ressignificação destes números e uma reflexão sobre as categorias nas quais são colocados, criam espaços de subversão, ainda que dentro das estruturas rígidas do cárcere.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme já explanado acima, o coletivo não baseia suas atividades na ideia salvacionista e vai além da beneficência. Possui como compromisso mediar os socioeducandos a uma compreensão crítica da sua própria realidade e, quem sabe, sua auto superação, através de atividades que estimulem sua auto-estima, seu protagonismo, sua reflexão, ressignificação de sentidos e a capacidade de imaginar realidades outras.

Esta iniciativa, apesar de se desenvolver a partir de um coletivo auto-organizado, sem vínculo formal com instituições, é constituída por graduandos, pós graduandos, pesquisadores e professores da educação básica e, por isso, atende também a necessidade de produção acadêmica voltada para a realidade do novo perfil de estudantes que a universidade que serviu de locus para formação do coletivo recebe.

Desta forma, o coletivo considera como resultados preliminares das atividades os laços de amizade criados com adolescentes que passaram pela socioeducação e hoje são adultos egressos, que voluntariamente continuam em contato com os membros do grupo e se identificam como amigos. Assim, a consolidação do Empodera Jovem e de seu plano de ação abre um espaço de trocas de experiência, afetos e conhecimento entre diferentes atores sociais.

Além disso, o coletivo já produziu duas monografias, três dissertações de mestrado(UERJ e UNIRIO), uma tese de doutorado concluída (UERJ) e outra em andamento (USP), além de mais de inúmeros artigos científicos publicados sobre socioeducação em periódicos, todos eles formulados a partir da vivência/pesquisa desenvolvida no coletivo.

**REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, M. .**Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.Petrópolis**: Editora Vozes, 1987.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado.** 3. ed. Tradução Joaquim José de Maura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

MARX, K.**O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**.Tradução Rubens Enderle.São Paulo: Boitempo, 2013

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008

MBEMBE, Achille**.Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.**Tradução de Renata Santini.São Paulo: N-1 edições, 2018.

COELHO, Gustavo. REIS, P.D, Aline Bemfica. **OS "SEM SENTIMENTOS": sujeitos em marginalização e a linguagem.** Revista Espaço do Currículo. ISSN 1983-1579**. Disponível em:** <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>.

1. Doutora em Educação (Proped/ Uerj), Membro Fundadora Coletivo Empodera Jovem [↑](#footnote-ref-2)
2. Doutoranda em Educação (USP), membro Fundadora Empodera Jovem. [↑](#footnote-ref-3)
3. Mestre em Educação (Unirio), Membro Fundadora Coletivo Empodera Jovem [↑](#footnote-ref-4)
4. Medidas judicialmente impostas a jovens em conflito com a lei como forma de responsabilização pelo cometimento de ato infracional análogo a crime [↑](#footnote-ref-5)